

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

JOSÉ DE ARIMATÉIA CONRADO LOPES FILHO

A PHRÓNESIS EM ARISTÓTELES:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIRTUDE DA PONDERAÇÃO ÉTICA
A PARTIR DE *ÉTICA À NICÔMACO*.

Teresina

2017

JOSÉ DE ARIMATÉIA CONRADO LOPES FILHO

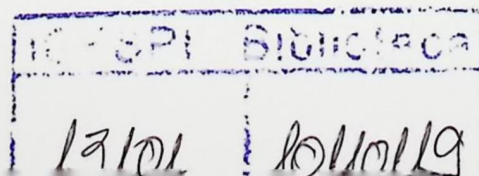
**A PHRÓNESIS EM ARISTÓTELES:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIRTUDE DA PONDERAÇÃO ÉTICA
A PARTIR DE ÉTICA À NICÔMACO**

**A PHRÓNESIS EM ARISTÓTELES:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIRTUDE DA PONDERAÇÃO ÉTICA
A PARTIR DE ÉTICA À NICÔMACO.**

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Filosofia do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí, para a obtenção do grau de licenciado. Sob a orientação da Prof.^a Ma. Maria dos Santos Silva Lopes.

Teresina

2017



cod. 5837
100
108644
Ex. 02

JOSÉ DE ARIMATÉIA CONRADO LOPES FILHO

**A *PHRÓNESIS* EM ARISTÓTELES:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIRTUDE DA PONDERAÇÃO ÉTICA
A PARTIR DE *ÉTICA À NICÔMACO*.**

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Curso de Licenciatura Plena em Filosofia

Data de aprovação _____ de _____ de 2017

Professora Ma. Maria dos Santos Silva Lopes

Orientadora

Professor (a) examinador (a)

Professor (a) examinador (a)

Teresina

2017

AGRADECIMENTOS

DEDICATÓRIA

A minha família, que de forma tão simples e tão serena torceram e rezaram por mim, mesmo quando eu não esperava.

Aos meus irmãos-amigos de caminhada, que ao longo do tempo, me fizeram perceber que Deus é o nosso fim último.

Ao povo de Deus da minha paróquia, que por mais distante que estivessem, vibravam por mim.

Ao meu bispo emérito Dom Alfredo, que pela frase "se eles conseguiram, você também vai conseguir" acreditou em mim, e ao meu Bispo Diocesano Dom Juarez, pela confiança e sólida aproximação.

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Nosso Deus, por estar e permanecer comigo, mesmo diante de todas as crises existenciais e acadêmicas, que vieram como embates e empecilhos. Ao meu pai, Jose de Arimatéia Conrado Lopes, que de longe, no alto mar, se preocupava em me dar tudo do bom e do melhor com aquilo que se conseguia com o esforço do trabalho; a minha mãe, Conceição de Maria Liberalino de Sousa, que me mimou no momento em que eu mais precisava, me orientou e me fez ver que as pessoas não são somente aquilo que o mundo diz, mas muito mais; ao meu irmão, Vandame de Sousa Conrado, que discretamente se preocupava e perguntava por mim, e que torcia por minha felicidade; e a minha vó (em memoriam), que insistia em se preocupar comigo, que era aquela que me tinha como o "melhor neto", não por ser o melhor, mas por estar mais próximo, a ela eu agradeço eternamente todos os ensinamentos, exemplos e cuidados para comigo e meu irmão.

Aos mestres e professores do ICESPI que, de forma leal e empolgante, me fizeram acreditar na sabedoria, não como escopo, mas como meio para se chegar ao próprio Deus, em nome de todos eles, faço jus de gratidão à Professora Ma Maria dos Santos Silva Lopes. Aos padres que ao longo do meu discernimento estiveram comigo, de forma direta e discreta, Pe. Roberto; Pe. Henrique, Pe. Edimar e Pe. Marcelino, a eles agradeço os pequenos e descomplicados exemplos que me tornou dedicado e aberto ao chamado. Ao meu ex-formador do propedêutico, Pe. Eduardo que muito me ajudou e me fez acreditar em mim mesmo, e ao meu Bispo Diocesano, Dom Juarez, pela grata e sólida companhia, bem como, Dom Alfredo, bispo emérito por confiar e acreditar em mim.

Aos meus irmãos de turma, que por vezes cambaleamos na fraternidade, mas por outro lado nos edificamos na cordialidade. Aos meus amigos queridos, que por horas, imaginava eu, que eles tinham me esquecido, mas não, me mostraram que a distancia não pode dizer a última palavra, a eles eu agradeço imensamente o amor com que me amam.

Ao Professor Gustavo e a Professora Elisangela, por toda disponibilidade e prontidão. Que Deus os recompense por tudo!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo fazer a leitura e interpretação sobre a obra de Aristóteles. A obra de Aristóteles é considerada como uma obra-prima da filosofia política e da ética. Segundo o autor, a vida política é a mais nobre e a mais completa. Para o filósofo, a alma possui duas partes, a racional e a irracional. A racional é a parte que se ocupa com a busca da verdade e a sabedoria, enquanto a irracional é a parte que se ocupa com a busca da satisfação das necessidades físicas e emocionais.

Ora, é bem sabido que para Aristóteles o bem mais elevado é a sabedoria, e para conseguir é necessário agir racionalmente, ou seja, virtuosamente. A sabedoria do filósofo se destaca três tipos de vida: a vida contemplativa, a vida política e a vida econômica. Por ser a política a mais nobre e a mais completa, a vida política é a mais adequada para o ser humano. A vida política é a vida que se ocupa com a busca da justiça e da felicidade. Por isso, o ser humano deve agir virtuosamente e buscar a justiça e a felicidade. A sabedoria prática é a disposição da mente que se ocupa com as coisas justas, nobres e boas para o homem.

Palavras-chave: política, virtude, bem, Aristóteles.

A sabedoria pratica é a disposição da mente que se ocupa com as coisas justas,
nobres e boas para o homem. (...)

Aristóteles

RESUMO

Este trabalho monográfico tem como objetivo levar a todos a uma reflexão sobre a *phronesis* na obra *Ética a Nicômaco* de Aristóteles. Aristóteles nomeia a *phronesis* como uma virtude prática capaz de calcular, refletir e analisar as ações do homem. Julgando sempre ser boa para se conseguir bons fins. Para o filósofo a alma possui duas partes, a racional e a irracional, bem como as virtudes, umas são morais e as outras intelectuais, mas para o Estagirita as duas não se desassociam, mas se complementa.

Ora, é bem sabido que para Aristóteles o bem maior e supremo é a felicidade, e para conseguir é necessário agir racionalmente, ou seja, virtuosamente. Nas indagações do filósofo ele destaca três tipos de vida: a contemplativa, política e prazerosa. Por ser a política a arte de governar por excelência, pois, todo homem é um ser por natureza político, então, a forma de bem governar é pela *phrónesis*, que permite a todos que dela fazem uso deliberar bem e corretamente a cada situação. Por isso, o ser humano feliz é aquele que dirige seus atos pela virtude moral e acompanha os mesmos pelas virtudes intelectuais. A felicidade é a principal busca do ser humano e a *phronesis* é os meios para se tê-la.

Palavras chave: *phronesis*, virtude, bem, Aristóteles.

RESUMEN

Este trabajo monográfico tiene como objetivo llevar a todos a una reflexión sobre la *phrónica* en la obra *Ética a Nicômaco* de Aristóteles. Aristóteles nombra a *phrónesis* como una virtud práctica capaz de calcular, reflexionar y analizar las acciones del hombre. Juzgando siempre ser buena para conseguir buenos fines. Para el filósofo el alma posee dos partes, la racional y la irracional, así como las virtudes, unas son morales y las otras intelectuales, pero para el Estagirita las dos no se desasocian, sino que se complementa.

Ahora bien, es bien sabido que para Aristóteles el bien mayor y supremo es la felicidad, y para lograr es necesario actuar racionalmente, es decir, virtuosamente. En las indagaciones del filósofo destaca tres tipos de vida: la contemplativa, política y placentera. Por ser la política el arte de gobernar por excelencia, pues, todo hombre es un ser por naturaleza política, entonces, la forma de bien gobernar es por la *phrónesis*, que permite a todos que la hacen uso deliberadamente bien y correctamente en cada situación. Por eso, el ser humano feliz es aquel que dirija sus actos por la virtud moral y acompaña a los mismos por las virtudes intelectuales. La felicidad es la principal búsqueda del ser humano y la *phrónesis* es los medios para tenerla.

Palabras clave: *Phrónesis*, virtud, bien, Aristóteles.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 SOBRE A VIRTUDE NO LIVRO II	13
2. 1 Virtude: uma disposição de caráter	13
2. 2 Meio termo	15
3 A PHRONESIS COMO VIRTUDE PRÁTICA NO LIVRO VI	20
3. 1 Sobre a sabedoria prática (Phronesis).....	20
3. 1 Uma práxis refletida	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32

I INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a filosofia prática surge com Aristóteles (385 – 322 a.C), na Grécia Clássica e se constitui como discussão fundamental para a reflexão filosófica ético-política. Ao se preocupar com a questão ético-política, a filosofia prática tem o escopo de apresentar a *phronesis* como a virtude da sabedoria, necessária para a prática da justiça. Discussão apresentada, nesta pesquisa, a partir do livro VI de *Ética à Nicômaco* (335 a 323 a.C).

Ética a Nicômaco é um tratado para uma vida boa e feliz, pois visa à vida virtuosa, cuja finalidade é o bem, relacionado à felicidade.(EN I, 1094a, 5). Considerada uma obra aristotélica importante, se não a mais relevante para sua reflexão ético-política.

Cabe ressaltar que a relação entre ética e política, em Aristóteles, assim como para os Gregos, é indissociável. E ainda, que Aristóteles apresente seu pensamento político, em sua obra *Política*, é em *Ética à Nicômaco* que se encontra uma sua reflexão ético-política, de forma amadurecida. Pois é mediante a filosofia prática, em sua defesa de *phrónesis*, que o Estagirita defendeu a relevância de uma ciência política baseada na sabedoria prática. Reflexão que, nesta pesquisa, é apresenta a partir do livro VI, de *Ética à Nicômaco*.

Por que no livro VI, especificamente? Por se tratar de uma reflexão ética, no âmbito da filosofia prática. Pois, de acordo com Pierre Aubenque (2008), Aristóteles, em diversas passagens de sua obra é fiel à *phronesis* platônica no sentido do “o saber imutável do ser imutável, por ocasião à opinião ou à sensação que mudam conforme seus objetos” (AUBENQUE, 2008, p.22). Afirma Aubenque (2008, p.22):

a *phrónesis* designa, nesses termos de Aristóteles, um tipo de saber conforme o ideal platônico de ciência e que em nada se diferencia do que Aristóteles descreve no começo da *Metafísica* sob um outro nome, o de *sophia*. A prova é que, para caracterizá-la e mostrar que ela é a ciência primeira, arquetônica, a que não tem em vista outra coisa que não a si mesma como seu próprio fim, não hesita em qualificá-la de *phrónesis*.

De acordo com essa afirmação de Aubenque, o conceito de *phronesis*, na *Metafísica*, como saber desinteressado e livre que visa a si mesmo, contrapõe-se ao da *Ética a Nicômaco* segundo a qual não designa mais ciência, e sim virtude (AUBENQUE, 2008, p.23-24):

Outra variação não menos chocante: enquanto a *phrónesis* servia para opor, no começo da *Metafísica*, o saber desinteressado e livre, que não tem outro fim que a si mesmo, às artes que, nascidas da necessidade, visam a satisfação de uma carência, a *phrónesis* da *Ética a Nicomaquéia* somente é reconhecida nos homens cujo saber é ordenado para a busca dos "bens humanos" [...], e por isso sabem reconhecer "o que lhes é vantajoso" [...]. Enfim, a *phrónesis* que era assimilada à *sophia*, aqui lhe é contraposta: a sabedoria diz respeito ao necessário, ignora o que nasce e perece, portanto, é imutável como o seu objeto.

Portanto, o conceito de *phrónesis*, no livro VI de *Ética a Nicômaco*, difere do apresentado na *Metafísica* (com o nome de *sophia*). Ela é, portanto, virtude que "sendo intelectual, evoca menos os méritos da contemplação do que os do saber oportuno e eficaz, nesta modesta réplica em escala humana de uma sabedoria mais que humana, o que a tradição latina transmitirá ao ocidente cristão sob o nome de prudência" (AUBENQUE, 2008, p.23-24).

A *phronesis*, portanto, em *Ética a Nicômaco*, é a virtude racional, o princípio responsável para guiar as escolhas humanas, no decidir e agir de forma virtuosa, do bem viver, conforme a reta razão.

A partir disso, perguntar como Aristóteles apresenta sua defesa de *phronesis*? Sob que medida ela é a virtude da ponderação ética?

Propõe-se, apresentar a *phronesis* como uma disposição prática que nos conduz a escolha, bem como, o significado de virtude para Aristóteles..

Portanto, nosso ponto de partida é a reflexão sobre o conceito de virtude no livro II, trabalhado no segundo capítulo, que tanto embelece o conceito de virtude, quanto o seu significado presente na vida boa, pois, ela permite ao homem fazer aquilo que é o melhor. Logo, é uma inclinação para desejar e praticar o que é bom.

E por último, apresentaremos a discussão sobre a *phronesis*, que é uma virtude intelectual, que permite ao homem escolher de forma deliberada aquilo que está sujeito a mudança. Pois, a *phronesis* ou sabedoria prática, visa aquilo que está sujeito a mudança. É ela que faz o homem buscar o alcance da meta, que está em consonância com a reta razão e a reta razão é aquilo que está de acordo com a sabedoria prática. Porque o pensamento em si nada muda, somente o pensamento que tem em vista uma finalidade, como nos diz Aristóteles.

2 SOBRE A VIRTUDE NO LIVRO II

2.1 VIRTUDE: UMA DISPOSIÇÃO DE CARÁTER

A virtude para Aristóteles é uma disposição de caráter. Virtude quer dizer, excelência, honra, ações nobres, louváveis ou mérito. Tendo em vista que na alma humana existem três espécies de coisas: paixões, faculdade e disposições de caráter. E a virtude não é nem paixão nem faculdade, pois, a primeira, no geral visa sentimentos que são acompanhadas de prazer e dor, e a segunda, refere-se a coisas em virtudes das quais se diz que somos capazes de sentir tudo isso, ou seja, de irarmos, magoar-nos e compadecer-nos.

Então, a virtude é sim uma disposição de caráter, pois, permite-nos ter uma posição frente as paixões, referindo-se entre as boas ou más disposições. Levando em conta que a ética trabalha com as ações humanas, relacionamentos, postura e conduta, a virtude se torna prática neste campo a partir de uma concepção, a de que o homem deve exercê-la. E sim com a disposição, realizando-as como moderação. E neste Livro de *Ética a Nicômaco*, Aristóteles explica do que se trata a virtude, e as divide em dois grupos: virtudes morais e intelectuais.

Sendo, pois, de duas espécies a virtude, intelectual e moral, a primeira, por via de regra, gera-se e cresce graças ao ensino – por isso requer experiência e tempo; enquanto a virtude moral é adquirida em resultado do hábito (...) (EN II, 1103b, 15)

De acordo com Marcelo Perine (2006, p. 21), a virtude aristotélica “é um estado habitual” responsável por “dirigir a decisão, e que consiste no justo meio relativo a nós, cuja norma é a regra moral, isto é, aquela mesma que lhe daria o sábio”

Toda virtude é um esforço constante para se conseguir algo. E como precisa exercê-la, então, é louvável que se tenha um bônus no fim, tipo: aprendizado, crescimento ou engrandecimento. Deve-se treinar o hábito, e está é uma disciplina para que o homem exercite-se. De nada adiantaria se quem quer que fosse desejasse ser virtuoso, mas não se habituassem a tal prática, o resultado seria contrário, cairia sempre nos vícios. É por isso que é necessário

entender que todos os atos estão necessariamente ordenados para um fim último.

Não é, pois, por natureza, nem contrariando a natureza que as virtudes se geram em nós. Diga-se, antes, que somos adaptados por natureza a recebê-las e nos tornamos perfeitos pelo hábito (EN II, 1103b, 25)

A virtude é um constante exercício. É o caso da arte de aprender alguma coisa. Para ser um bom regente é necessário que se estude, crie técnicas e pratique a regência a cada dia, exercitando-se, para que, no fim, chegue a um aperfeiçoamento na hora de reger uma orquestra. Sucesso aplausível, honra pela maestria, posição de destaque e um próprio aperfeiçoamento graças as suas habilidades desenvolvidas. Em outras palavras, é interessante frisar que há dois tipos de virtudes, a virtude prudencial (intelectual) e a virtude técnica (moral), a primeira designa-se a conduzir o homem à felicidade, a qual todas as coisas tendem, e a segunda, é responsável de criar meios para obter um fim.

É fato que para muitos, a virtude em Aristóteles é puro saudosismo, imaginável, mera fantasia, mas não, é algo atingível pelo homem, através da sua práxis cotidiana, sua atividade, não como um bem em si, ideal e inatingível, mas como um bem para o próprio agente da ação. Sabemos que na virtude aristotélica encontra o hedonismo como oposição a *eudaimonia*. Então, o hedonismo é o prazer em si e, a *eudaimonia* é a busca pela felicidade como fim, uma autorrealização.

Como a virtude leva o homem à excelência, o filósofo explica de forma exemplar tal equilíbrio:

Por meio-termo no objeto entendo aquilo que é equidistante de ambos os extremos, e que é um só e o mesmo para todos os homens; e por meio-termo relativamente a nós, o que não é nem demasiado nem demasiadamente pouco (EN II, 1106b, 30).

De forma categórica Aristóteles dar um exemplo fenomenal, diz-nos ele: se dez é demais e dois é pouco, seis é o meio-termo, considerado em função do objeto, porque excede e é excedido por uma quantidade igual (EN II, 1106b, 30-35). O demasiadamente pouco ou muito refere-se a um ultrapassar ao natural. Mas, o meio-termo é não no sentido do objeto, mas no sentido a

nós que fazemos uso da virtude ou do equilíbrio entre os excessos e as faltas. A mediania é a virtude do meio-termo. Em outras palavras, o equilíbrio é aquilo que deixa a coisa sem oscilações e nem desvios. Pois, está aí o aspecto louvável da coisa. Como já foi-nos recordado, a assertiva do meio-termo não cabe ao objeto, como uma mera operação aritmética, mas referindo-se sempre a nós. Já que “os homens são bons de um modo só, e maus de muitos modos”. (EN II, 1107a, 35).

As virtudes de caráter, ou morais, são: a coragem; generosidade; magnificência; doçura; amizade e justiça. Já as virtudes ditas como intelectuais ou dianoéticas, são: sabedoria; temperança; inteligência e verdade.

O que está em vista na vivência e plena prática da virtude é sua finalidade, que visa sempre um bem maior, louvável e justo. Ora, o fim definidor ou que direcionará as boas ações é a *phronesis*, quer dizer, sabedoria prática.

O próximo passo no argumento é uma condicional complexa cujo primeiro antecedente tem este fato suposto como uma conjunção:

Se, então, toda ciência completa bem a sua função desse modo, olhando para o meio-termo e orientando o que produz em relação a isso... e se a virtude... é mais rigorosa e melhor do que qualquer arte, ela também será algo que é capaz de alcançar o meio-termo (REEVE, 2014, p. 127).

2.2 MEIO-TERMO

O homem que é moderado, comedido, e ou, cauteloso no sentido mediano da palavra consegue se conter frente aos prazeres. Pois no que se refere ao comer, ou a qualidade da saúde do homem, se o homem come somente por prazer, não está ele agindo de forma virtuosa.

Está sim colocando a sua saúde em risco, mesmo que colocando o corpo em risco, pois ele precisa do alimento para sobreviver. O homem que sabe ser comedido na hora de comer, esse sim, não tenderá nem ao estrago e nem ao paupérrimo de alimento. O real é visar somente à mediania nas paixões e nos atos. Em tudo é difícil encontrar o meio-termo: “se não dermos ouvidos ao prazer, corremos menos perigo de errar. Em resumo, é procedendo

dessa forma que teremos mais probabilidade de acertar com o meio-termo" (EN II, 1109b, 10).

De fato é verdade, quem visa o meio-termo deve-se afastar de tudo aquilo que lhes é contrario:

Por exemplo, encontrar o meio de um círculo não é para qualquer um, mas só para aquele que sabe fazê-lo; e, do mesmo modo, qualquer um pode encolerizar-se, dar ou gastar dinheiro – isso é fácil; mas fazê-lo à pessoa que convém, na medida, na ocasião, eis o que não é para qualquer um e tampouco fácil. Por isso a bondade tanto é rara como nobre e louvável (EN II, 1109b, 25).

No que se refere à virtude, ela é caracterizada por varias formas, ou chamada de varias formas, por exemplo: excelência, equilíbrio, ponderação ou meio-termo. Mas, de fato, o uso da virtude é que possibilita o homem ter ou praticar ações boas, sem ela, é impossível pensar numa disposição de caráter que promova tal atitude benéfica. Pois, o desequilíbrio ou o vício, bem como os excessos leva aqueles que vivenciam a consequências terríveis, em se tratando do não equilíbrio. A coragem é o meio-termo entre a covardia e a temeridade. O difícil é praticar o meio-termo, que chega a ser uma superação dos extremos. Tudo depende das nossas ações. É um trabalho árduo e insistente, executar, praticar e se habituar ao meio-termo.

A excelência não é um modo de agir, mas um hábito. E o habito da retidão causa frutos bons e virtuosos. É por isso que Aristóteles finca a sua afirmação no justo meio, que é romper com o excesso que é algo demasiado e a falta que é demasiadamente pouco. Os extremos destroem a excelência da obra. Então, afirma Aristóteles que é preciso der uma harmonia, que é tido como equilíbrio, mediania, meio-termo. Um homem que não consegue ordenar os seus desejos, este não pode ser virtuoso.

No que tange as ações, existe a deficiência, o excesso e o meio-termo. Por exemplo, as ações que provocam a ira, podem ser sentidas no excesso, na falta e no meio-termo, como nos diz o filosofo:

Ora, a virtude diz respeito às paixões e ações em que o excesso é uma forma de erro, assim como a coerência, ao passo que o meio-termo é uma forma de acerto digna de louvor; e acertar e ser louvada são características da virtude. Em conclusão, a virtude é uma espécie de mediania, já que, como vimos, ela põe a sua mira no meio-termo (EN II, 1107a, 25)

Contudo, a virtude se relaciona sempre com a sabedoria prática, como nos diz Aristóteles:

A virtude é, pois, uma disposição de caráter relacionada com a escolha e consistente numa mediania, isto é, a mediania relativa a nós, a qual é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática (EN II, 1107a, 5)

Não dá para compreender um meio-termo no excesso e na falta, é quase que covardia ou injustiça pensar assim, o meio-termo compete somente ao homem dotado de sabedoria prática, que pelo uso da reta razão delibera sobre suas ações.

O Estagirita usa da cólera para dizer que o virtuoso é aquele que é calmo. Explica ele:

No tocante à cólera também há um excesso, uma falta e um meio-termo. Embora praticamente não tenham nomes, uma vez que chamamos calmo ao homem intermediário, seja o meio-termo também a calma; e dos que se encontram nos extremos, chamamos de irascível ao que excede e irascibilidade ao seu vício; e ao que fica aquém da justa medida chamamos pacato, e pacatez à sua deficiência (EN II, 1118a, 5).

Mesmo que se fale repetidas vezes, é necessário dizer que os extremos dever-se-ão ao tempo todo ser rejeitados, pois, eles dificultam a boa ação, e o bom direcionamento dos hábitos, como nos é dito adiante:

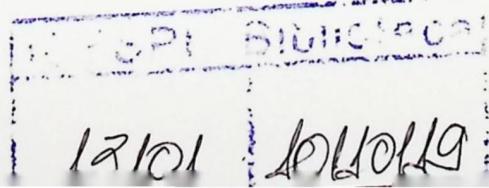
É preciso, portanto, falar destes dois, a fim de melhor compreendermos que em todas as coisas o meio-termo é louvável e os extremos nem louváveis nem corretos, mas dignos de censura (EN II, 1108a, 15)

Com é necessário fundamentar bem a argumentação excepcional de Aristóteles sobre a virtude, é legal e justo fazer algumas considerações sobre o mesmo. Ora, o excesso e a falta são características do vício, já a mediania ou o meio-termo, da virtude. A virtude deve ter um atributo de visar sempre o meio-termo. E somente a virtude moral diz respeito às paixões e ações, nas quais existe excesso, carência e um meio-termo. Como dizemos antes, o excesso e falta destroem a excelência de toda e qualquer obra. Trata-se de compreender que a prática das virtudes dentro do princípio de uma reta razão, que veremos no próximo capítulo. Então, quando se fala de condutas, a obtenção do bem a partir de suas práticas, não possui nenhuma flexibilidade.

Tanto o excesso e a deficiência de zelo destroem a força de sua eficácia. Como dizemos antes, a saúde depende de uma quantidade adequada de alimentos, o mesmo acontece com a temperança, à coragem e outras virtudes que, se não forem bem controladas, equilibradas e bem exercitadas, não fortalecerão o bom desenvolvimento de nossa conduta. Pois, agir bem é agir moderadamente. É por isso que é lícito falar, as pessoas que estão sob os ditames dos extremos, bem como da falta, tendem a exagerar no meio-termo, ou seja, na moderação. É por isso que o filósofo diz que todo e qualquer vício anula a causa originária da ação. Por exemplo:

Toda virtude está entre dois vícios; mas isso não significa dizer que cada um dos vícios está igualmente próximo da virtude. Com efeito, a virtude normalmente está mais próxima de um dos vícios que de outro. Por exemplo, muitos homens tendem a ter um entusiasmo excessivo pelo prazer, e supõe-se naturalmente que a "intemperança" é o oposto da "temperança". Mas há um outro oposto que é menos usual e mais similar à temperança, a disposição de desejar prazeres insuficientemente. Esse é um estado tão pouco usual que ele nem mesmo possui um nome para si na linguagem, e Aristóteles cunha o termo "insensibilidade" (BARNES, 2009, p.281).

Por isso dizemos com toda clareza que é difícil ser virtuoso. Por conseguir determinada virtude, é necessário cultivar em si uma disposição boa que sempre envolvera aquele que dela fazer uso. Tendo em vista sempre que as virtudes morais são virtudes voltadas para o individual, ou seja, para o



particular de cada um dos seres humanos, porque são meios que ajudará a chegar a um fim bom e eficaz para si e para os outros, é o caso da *phronesis*. A doutrina ou o tratado do meio-termo é verdadeiro e eficaz, porque não dizer útil para todos que se disponha a abandonar os excessos e as faltas, que chegam a ser extremos que torna o homem viciado, debilitado e desequilibrado. A estratégia para fugir dos vícios é encontra aquilo que mais o inclina, ou seja, as fraquezas, pois, Aristóteles já nos diz que, pode-se errar de muitas maneiras.

Um homem virtuoso sempre terá ações corretas. Segundo o próprio Aristóteles, o meio-termo é o igual entre o excesso e falta, como bem já se sabe. Mas, para se conseguir a finalidade que deve ser alcançado e tido, é preciso dos meios, e os meios estão imbuídos dentro dos fins.

3 A PHRONESIS COMO VIRTUDE PRÁTICA NO LIVRO VI DE ÉTICA À NICOMACO

A reflexão aristotélica sobre a *phrónesis* no livro VI, da *Ética a Nicômaco* se constitui como problemática da filosofia prática que visa a distinção das duas formas de saber do bem, a saber, o da *techné* e da *phrónesis*. Trata-se, respectivamente da diferença entre *poiesis* (*techné*) e *práxis* (*phrónesis*).

Sobre essa distinção, Maria dos Santos Silva Lopes afirma que:

A *práxis* é *theoria*, que se distancia do saber puro da matemática (com relação à Ideia do Bem, em Platão) para se firmar como virtude aristotélica da ponderação ética (*synesis*), em que a escolha é sempre situacional e política por ser inerente ao modo de vida de um cidadão livre, da *pólis* (LOPES, 2015, p. 44).

Com a distinção entre saber da *techné* e saber da *phrónesis*, Aristóteles empreende a sua defesa de sabedoria prática mediante a articulação entre saber especializado e ético-político.

É a partir disso que discussão sobre a *phronesis* faz sentido pois a *phronesis* é a capacidade de pensar acerca de matérias que envolvam a prática. Refere-se, portanto, a questão do bem agir ou tomada de decisão correta, ou seja, à sabedoria prática ou *phronesis*. Esta é um juízo moral ou um pensamento ético que rege as decisões moderadas. A estrutura básica para praticar a ação de forma certa e correta, é ouvir, refletir e praticar, deliberando assim a boa ação. Portanto, a finalidade da ação não pode ser outra coisa senão a própria ação, pois agir bem é uma finalidade em si mesma, e tal fim é agir sempre de forma benéfica.

3.1 Sobre a sabedoria prática (*phronesis*)

A sabedoria prática (*phronesis*) está diretamente ligada à função do homem enquanto homem, quer dizer, é fazer acontecer à capacidade que o homem tem de deliberar (decidir) de acordo com o princípio racional, a

respeito da natureza das coisas. É nesse sentido que Aristóteles define quem é dotado de sabedoria prática:

Ora, julga-se que é cunho característico de um homem dotado de sabedoria prática o poder de deliberar bem sobre o que é bom e conveniente para ele, não sob um aspecto particular, como por exemplo, sobre as espécies de coisas que contribuem para a saúde e o vigor, mas sobre aquelas que contribuem para a vida boa em geral (EN VI, 1140a, 30).

Portanto, sabedoria prática se constitui pela capacidade de deliberar bem sobre o que é bom e conveniente para a vida boa e não para fins particulares. É desse modo que a *phronesis* possibilita o homem decidir entre as ações boas ou más.

Aristóteles vai mostrar que *Phronesis* é um estado habitual cognitivo (percepção), isto é, racional e, por isso, é uma virtude intelectual, que, contudo, pressupõem seja um estado desiderativo, portanto, não-racional, seja um estado cognitivo não-racional, que é, justamente, a experiência (PERINE, 2006, P.28).

Então, se supõe dizer que é necessário que o homem faça uso da reta razão, da capacidade de saber decidir mediante os impasses surgidos. Todavia, o *phronimo* é aquele que tem em si a capacidade de deliberar bem, uma vez que a arte da deliberação é acometida somente a eles. Ora, é contundente e bem sabido que o *phronimo* não pode decidir mediante aquilo que não é ordenado, pois nisto não há um fim, que é o bem. Contudo, sabemos que todos os atos por menores que sejam estão ordenados para um fim, e um fim bom.

Vemos que a ação última deve visar somente um bem. Não basta somente escutar, estudar e teorizar o conhecimento, mas é necessário praticá-lo insistentemente. É uma prática acompanhada de uma experiência ativa e vivida. É evidente que a *phronesis* não é um conhecimento, porque ela não se ocupa somente com o universal, mas com o particular último, do subjetivo, do

singular das ações humanas, como já dizemos, pois tal é a sua função. Falar e pensar no que é bom e justo não torna o homem bom e justo, mas sim se ele se dispuser a viver dias bons e justos, pondo em prática aquilo que se pensa, voltando assim, aos bons princípios da vida prática.

O Estagirita fundamenta aquilo que ele mesmo chama de “deliberação”. É uma arte, e é um desejo de saber se importar mediante as imparcialidades do cotidiano da vida. Deliberar pressupõe decidir, e decidir bem, de forma justa e eficaz. O homem tem uma alma desejante, então, faz parte dele, desejar e querer somente o bem, e, contudo, fazê-lo sempre. Mas para fazê-lo é necessário decidir sem os excessos e as faltas, na ponderação, no justo meio, na reta razão, que possibilita a faculdade cognitiva, direcionar a ação para um ato bom.

A vontade delibera a ação, aqui está a beleza da coisa, a ação; a práxis, deve ser bem pensada para se agir de forma raciocinada. De antemão, somos um alguém em potência e para depois sermos em ato. Como afirma Aristóteles: “Por outro lado, de todas as coisas que nos vêm por natureza, primeiro adquirimos a potência e mais tarde exteriorizamos os atos” (EN II, 1103b, 30).

Diz-nos ele:

A sabedoria prática, pelo contrário, versa sobre coisas humanas, e coisas que podem ser objeto de deliberação; pois dizemos que essa é acima de tudo a obra do homem dotado de sabedoria prática: deliberar bem (EN VI, 1141b, 10).

Fazendo jus as palavras de Aristóteles, não se pode confundir a sabedoria prática com a ação política no sentido estrito do termo, pois, a *phronesis* permite a aqueles que a fazem uso dela, pensar no escopo da ação, já a ação política não, visa somente favores, medidas, dizeres, menos, a ação prática (EN VI, 1142a, 25). A deliberação move de forma benéfica a *phronesis* cotidiana. De comum acordo com Aristóteles, entendemos que, deve-se deliberar lentamente e agir rapidamente. Ora, se o fim último depende da inteligência e da vontade, então, tudo tende a um fim bom.

A *phronesis* supõe conhecimento de circunstâncias particulares e mutáveis da ação:

Ela supõe, ao mesmo tempo, o conhecimento de princípios gerais e uma apreensão das circunstâncias particulares e mutáveis da ação. Ela supõe, portanto, a "deliberação". O agir político – e o saber que ele implica – é essencialmente uma práxis. "No espírito de Aristóteles, o homem prudente é essencialmente político; uma prudência "privada", pré-política, seria somente imperfeita" (Gomez – Muller, 33) (BERTEN, André, 2004, P. 73)

Agir bem é próprio da ação. Pois toda ela visa o particular enquanto ação. Ora, já que depende de nós agirmos ou não, depende também de nós deliberarmos ou não os bons atos do cotidiano. Dessa forma, entende-se que a praticidade da *phronesis* é um princípio que ajuda a ela mesma, na arte de criar e aperfeiçoar. De fato, o objeto e o princípio esta nela mesma. Finaliza-se dizendo que, o *phronimos* é aquele que sabe discernir bem as suas ações.

Voltamos a falar que a *phronesis* é o discernimento da moral, pelo simples fato de se importar e se preocupar com o particular da convivência humana. Em continuidade das afirmações sobre os resultados que a *phronesis* pode trazer, o Estagirita salienta:

[...] é por isso que alguns que não sabem, e especialmente os que possuem experiência, não mais práticos do que os outros que sabem; porque, se um homem soubesse que as carnes leves são digestíveis e saudáveis, mas ignorasse que espécies de carnes são leves, esse homem não seria capaz de produzir a saúde; poderia, pelo contrario, produzi-la o que sabe ser saudável a carne da galinha (EN VI, 1141b, 15).

De forma compreensível ao pensamento aristotélico, como já o vimos à cima, que a ação versa sobre os particulares. Então, todos querem saúde, mas nem sequer se preocupam com a arte da medicina. A renúncia da experiência refletida a respeito da ação, gera danos a saúde. Em todo caso, desde os mais perversos aos mais simples atos, é necessário haver uma espécie

controladora, que reja a ação, a decisão. Saber do que é prejudicial e danoso à saúde, mas, continuamos assumindo atitudes contrárias, não fazemos uso de sabedoria prática. Escolher errado não faz parte do conhecimento prático.

Por sua vez, os saberes práticos (do grego *práxis*: atividade, tarefa, negócio), que também são *normativos*, são aqueles que procuram orientar-nos sobre o que devemos fazer para conduzir nossa vida de uma maneira boa e justa, como devemos agir, qual decisão é mais correta em cada caso concreto para que a própria vida seja boa em seu conjunto (CORTINA; MARTÍNEZ, 2005, p. 11)

Tanto o saber produtivo como o prático, tem um aspecto normativo, gira-se e exerce-se sobre uma regra ou norma, não para aprisionar aqueles que farão uso, mas para orientá-los. O objetivo mais próprio e singular do saber prático é mostrar como agir bem, como conduzir de forma adequada, assertiva e acertado a ação cotidiana. É atributo da sabedoria prática, tomar decisões prudenciais que nos levam a ter uma vida boa ou feliz. É por isso que para uma realidade marcada pelas Cidades-Estado na Grécia antiga, Aristóteles não se cansa de salientar sobre o uso cotidiano do saber prático, que visará a boa condução e um bom governo na Pólis.

Como já é familiar saber que, a *phronesis* é a regra justa ligada à sabedoria prática. E o sábio é aquele que tem em si um fim, uma finalidade de suas ações. Quer dizer, a realização das ações virtuosas implica em uma produção interna e contrita, pois, é preciso desejar viver melhor a cada dia, a cada ato, a cada realização em termos de virtude. Sendo assim, a deliberação (decisão), refere à racionalidade prática, porque toda ação é exercida e executada a partir de uma escolha racional e deliberada.

A origem da ação – sua causa eficiente, não final – é a escolha, e a da escolha é o desejo e o raciocínio com um fim em vista. Eis aí por que a escolha não pode existir nem sem razão e intelecto, nem sem uma disposição moral; pois a boa ação e o seu contrario não podem existir sem uma combinação de intelecto e de caráter. O intelecto em si mesmo, porém, não move coisa alguma; só pode fazê-lo o intelecto prático que visa a um fim qualquer. (EN VI, 1139b, 35).

Em outras palavras, dizemos que, enquanto a *episteme* (conhecimento teórico) é definido pelo seu objeto, a *techne* (conhecimento produtivo) é definida pela obra produzida, a *phronesis* (conhecimento prático) é definida pelo próprio agente da ação, onde o fim está na própria ação. De igual modo, deixamos claro que, a *phronesis* é o meio que permite o homem agir, usando de forma eficaz a atividade. Não se pode agir sem a reta razão, complemento singular que assegura a finalidade da coisa para o bem; “A ação moral é o objeto comum do intelecto prático e do desejo” (PERINE, 2006, p. 24).

Sabendo que para Aristóteles existem as virtudes morais e as intelectuais, assim, poderemos compreender de forma mais claras e distintas que elas não se separam e nem se excluem, mas se complementam a todo tempo. Pois, se uma é efeito do habito constante e sem interrupções, a outra é causa da atividade pensada, estudada, raciocinada e executada, que gera bons fins.

E quanto à sabedoria prática, embora trate dessas coisas, para que necessitamos dela? A sabedoria prática é a disposição da mente que se ocupa com as coisas justas, nobres e boas para o homem, mas essas são as coisas cuja prática é característica de um homem bom, e não nos tornamos mais capazes de agir pelo fato de conhecê-las se as virtudes são disposições de caráter, do mesmo modo que não somos mais capazes de agir pelo fato de conhecer as coisas sãs e saudáveis não no sentido de produzirem a saúde, mas no de serem consequência dela (EN VI, 1144a, 25).

3.2 UMA PRÁXIS REFLETIDA

É-nos sugerido entender que a sabedoria prática é uma virtude estreitamente relacionada com a conduta moral, com aquilo que fazemos, com as nossas ações diuturnas. Tendo em vista que o fim do estudo ético não é o conhecimento e sim a sua práxis, momento da ação, dizemos que, aquele que fara uso dela, deve saber bem pensar para que se criem critérios que o leve a bondade.

A grandeza esta em saber que esta atividade é reservada ou limitada somente aos seres racionais, porque os animais não participam da *práxis*, que é caracterizado pelo desejo e a opção racional, para que se leve a perfeição. É comum falarmos de uma aptidão cultivada e desenvolvida ao longo de um processo de experiência. Não se pode entender o processo de sabedoria prática como uma mudança repentina, mas como uma visão refletida e bem pensada. Mudar as coisas é competência específica da *phronesis*, é por isso que ela não pode ser considerada como conhecimento, que não permite que nada esteja sujeito a mudança.

O pensamento em si mesmo não move e nem realiza nada, mas, o pensamento que tem em vista algo, este sim, move ou esta sujeito à mudança:

Como a virtude ou a excelência da parte calculativa ou deliberativa da alma, o fim incondicional da sabedoria prática é, assim, a *eupraxia*, ou *práxis* excelente, do tipo deliberadamente escolhido: "O pensamento por si só não move nada; mas aquele que é em vista de alguma coisa e que é prático o faz. De fato, isso governa até mesmo o pensamento produtivo. Pois todo produtor produz em vista de algo, mas o fim incondicional (em oposição a um fim em relação a algo e para algo [mais]) não é o que é produzido, mas o que é feito em uma *práxis*. Pois a *eupraxia* é um fim, e o desejo [ou seja, a vontade] visa a esse fim" (EN VI 2 1139^a35-b4) (...) O que torna a *práxis* (plural: *praxeis*) adequada para desempenhar esse papel teleológico distinto é revelado no contraste focal de uma *práxis* com uma *poiêsis* (plural: *poiêseis*) ou produção: uma *poiêsis* é em vista de algo mais, ou seja, o produto em que ela resulta; uma *práxis*, em contraste, não é em vista de algo mais. Consequentemente, uma *práxis* é adequada para ser um fim incondicional; (...) (REEVE, 2014, p. 168-169)

Como já fizemos uma explicação anteriormente sobre os três tipos de conhecimento para Aristóteles. O prático remete e se direciona sempre a ação humana. Portanto, a *phronesis* se dá no campo da situação concreta acerca das coisas que são possíveis de serem alteradas. E a experiência é um dos mecanismos que possibilita a execução da *phronesis*.

Assim, falamos que, devemos, estar atento aqueles mais velhos, cheio de experiência, que fazem um bom uso do discernimento e sabem agir com asserções, pois, é o fato da experiência que lhes fora dado como que um outro

olhar para verem as coisas corretamente. De nada nos valeria se não usássemos a *phronesis* como meio que possibilite alguma mudança. Já que isso é próprio daqueles que possuem esta virtude. Podemos então, dizer, anunciar, fundamentar e assumir que, a experiência necessária deste saber é exatamente a *phronesis*. Segundo Aristóteles, o que determina à práxis humana é exatamente a capacidade que o homem tem de eleger segundo o que foi dado a conhecer, que parecer ser a atitude mais justa, que corresponde a um bem desejado e que favoreça ações honestas, em direção de uma bem a que se move. Tendo em vista que a práxis aqui dita, se importa com o aperfeiçoamento do agente, do homem enquanto tal.

O que esta em pauta aqui é lembrar e refletir uma ciência prática, uma ciência voltada para a praticidade da ação, é como se fosse um agir ético que brote uma boa ação. A *phronesis* é um paradigma para a ação. Voltamos aos exemplos: em todo o caso, suponhamos que exista um Pneumologista e que sabendo dos malefícios, danos e vícios que acarreta uma pessoa que faz uso constantemente e sem limites do cigarro, mesmo assim continua fumando, este não faz uso da *Phronesis*, ou não pode ser conhecido como *phronimos*. Outro, imaginamos que exista um Nutricionista e ele (a) come compulsivamente, e sem limites, tanto comidas de difícil digestão às mais calóricas, este (a) não pode ser conhecido como *phronimos*. Pois não fez uso da reta razão, para se viver o reto desejo, como dizia Aristóteles.

A sabedoria prática é uma forma de avaliar a ação do homem hoje, pois, a finalidade da ação perpassa a sensação, o desejo e o intelecto, então, supõe dizer que, a virtude é algo desejante. É preciso desejar ser bom, equilibrado e justo. A praticidade é o impulso que leva o homem se importar no mundo, pois, a mesma perpassa uma finalidade da ação. Para o Estagirita a alma desejante visa sempre o particular e não o geral, porque a finalidade do ato serve para transformar o próprio agente enquanto ele age.

A principal virtude dianoética é a *prudência* (*Phronesis*), que constitui a verdadeira “sabedoria prática”; ela nos permite deliberar corretamente, mostrando-nos o mais conveniente em cada momento para nossa vida (não o mais conveniente a curto prazo, mas o mais conveniente para uma vida boa em sua totalidade (CORTINA; MARTÍNEZ, 2005, p. 59).

A *phronesis* não dificulta a nossa tomada de decisões, mas facilita, pois, nos permite um equilíbrio entre a falta e o excesso das coisas, da atitude, do comportamento, das ações que brota da nossa convivência ou, da nossa comunidade. Mas, este termo, médio, mediano, meio-termo, não é uma opção pela mediocridade, como meio para nos tornar mais ou menos melhores, mas significa em última instância: perfeição. Permite-nos chegarmos a este estágio, mais alto e mais elevado das ações humanas, a felicidade última, capaz de aperfeiçoar e tornar o homem totalmente equilibrado e justo. Como para Aristóteles o homem é um ser naturalmente político, somente o *phronimos* é capaz de governar a *Pólis* (já que precisa-se fazer uma menção a compreensão aristotélica de governar, que deveria existir homens livres e excelentes), pois, no *Phronimos*, está a capacidade de decisões prudentes e possíveis para uma vida social.

Comungar com o pensamento aristotélico hoje, é dar uma oportunidade para que se exista um povo virtuoso e prático, que não se prende somente as prescrições, como se fosse possível viver uma vida normativa ou legalística, mas, que é necessário descobrir os meios para se chegue a um fim bom e justo para todos, que tanto será bom para o sujeito como para a comunidade como um todo. Ora, é como se imaginássemos que o maior e verdadeiro bem, que é a felicidade só se encaixaria na *Pólis*, mas, se ela for estruturada de leis e normas justas. Não é um saudosismo e nem uma utopia, mas um hábito elevado, alcançado pela prática cotidiana. No final do livro VI da obra, Aristóteles ratifica de forma convicta: "Ora, a reta razão é o que está de acordo com a sabedoria prática" (EN VI, 1144b, 20).

Não só a virtude no termo de sentido (disposição de caráter) está de acordo com a reta razão, mas a sabedoria prática, enquanto presença da ação; forma de agir; capacidade de decidir e como diz o Estagirita: no tocante a tais assuntos. Então, não que seja ousadia ao dizer que, só é possível ser bom, fazendo uso da sabedoria prática. Não que seja precipitado, mas justo dizer que, as virtudes intelectuais e morais não se excluem, mas se complementam entre si. Pois, mesmo que alguém não tenha uma virtude natural que serve para qualificar uma pessoa, tendo quaisquer umas das outras, então está ótimo no sentido de qualitativo à sabedoria prática.

Em acordo com tudo isso que sabemos o que seja *phronesis* e sua eficácia naquilo que pode ser realizável e que permeia o agir e as coisas humanas, concluímos não por inteiro, mas por confirmação, tendo em vista que, as virtudes de caráter (morais) não se dissocia das virtudes do ensino/aprendizagem (intelectuais), então, é-nos dito que:

Não há somente analogia, há conexão entre a prudência e a virtude moral: a prudência é mediadora entre virtude natural e a virtude moral, mas a virtude moral é, por sua vez, mediadora entre a habilidade e a prudência. Encontramos por esse novo viés a verdade segundo a qual não há virtude moral sem prudência, nem prudência sem virtude moral (AUBENQUE, 2008, p.103).

A finalidade da ética aristotélica é a práxis, o momento da ação que consiste a *phronesis*. Neste sentido, para ser moralmente virtuoso é necessário fazer uso ou ser *phronimos*. Ou seja, quem reflete suas ações, é mais inclinado a agir, e agir de forma a desejar e procurar viver sempre o bem. Ser *phronimos* é na verdade, tomar decisões acertadas, assegurando os meios que permiti chegar ao fim desejado. O *phronimos* é aquele que delibera bem, ou em vista desse bem, já que, só se pode decidir sobre aquilo que está sujeito a mudança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi fazer uma reflexão da *phronesis* como virtude prática no livro VI, baseada na obra *Ética a Nicômaco*. Aristóteles identifica na alma a parte principal do ser humano.

A alma foi vista por ele como composta por duas partes, a irracional, que se divide em vegetativa e sensitiva, e a racional que se classifica em teórica e prática. A vegetativa tem como função a nutrição, o crescimento, a reprodução, em suma, cuida das funções vitais. A sensitiva tem como função a percepção, o desejo que em certo modo participa da razão.

A racional é aquela que tem como função o conhecimento teórico (imutável) e prático (mutável) que é responsável pela ação regida pela *phronesis*. O conhecimento da alma e de suas funções é fundamental para entendermos as virtudes e a função do indivíduo. Com efeito, é pela alma que o indivíduo é definido como animal racional. Só podemos compreender as virtudes à luz dessa divisão, porque Aristóteles faz a dedução dos tipos de virtudes a partir das partes da alma.

O Estagirita, segundo o que vimos, separou as virtudes em dois grupos: as virtudes morais que são aprendidas pelo hábito, pela prática, elas estão relacionadas com as ações e as paixões; e as intelectuais que são adquiridas pela instrução, pelo ensino-aprendizagem, e estão relacionadas com a parte racional da alma.

A virtude para Aristóteles é entendida como uma disposição de caráter concatenada com a escolha de coisa boas e expressa-se num meio-termo, referente a nós, que é definido por um princípio racional próprio do indivíduo dotado de sabedoria prática. O meio-termo é um abandonar-se dos extremos que são os vícios, um pela falta e outro pelo excesso. Tomemos o exemplo da coragem que é um meio-termo equidistante entre a covardia e a temeridade.

Aristóteles compreende a *phronesis* como uma virtude intelectual prática, que diz respeito à ação humana, que calcula, delibera sobre o variável, buscando o mais adequado para atingir o fim. O Estagirita também evidencia que, apesar da divisão das virtudes em morais e intelectuais, elas têm uma relação mútua de unidade em que uma precisa da outra, em especial a

phronesis que auxilia o ser humano na hora de deliberar sobre o necessário. Elas só se separam para realizarem cada uma sua função, mas na hora de decidir, elas trabalham de maneira conjunta, ocorre uma união dessas virtudes. A *Phronesis* tem sua importância na atualidade, pois, o agir, o ter agido, ou ainda a possibilidade de realizar uma ação boa, força-o a inclinar-se para o bem. Trata-se, portanto, de uma capacidade intelectual de ver o real para transformar a realidade, tendo em vista decisão e ação: não adianta saber o que é bom se não há a decisão de realizar este bem. A *Phronesis* parece-nos necessária diante dos numerosos eventos com os quais cotidianamente os membros de organizações têm de lidar, isto é, diante de uma perspectiva situada na mudança, em que o contingente e não o conhecido é a realidade. Todavia é importante afirmar que a *Phronesis* serve só para as coisas que podem ser deliberadas. Ninguém delibera sobre aquilo que não se pode fazer. A sua utilidade é louvável a todos que dela fazem uso. Pois, permite aos homens terem ações nobres, justas e boas.

REFERENCIAS

ARISTÓTELES (II). **Os pensadores**. São Paulo: Abril cultura, 1979;

AUBENQUE, P. **A prudência em Aristóteles**. Tradução de Marisa Lopes. 2.ed. São Paulo: discurso editorial, 2008.

BARNES. **Aristóteles**. Aparecida – São Paulo, Idéias e Letras, 2009

BATISTA, Mondin. **Introdução à Filosofia. Problemas, autores, sistemas e obras**. Paulus, 1980

BERTEN, ANDRÉ. **Filosofia Política**. São Paulo: Paulus, 2004;

BINI, Edson. (trad.) **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Edipro, 2014;

CORTINA; MARTÍNEZ. **Ética**. São Paulo: Edições Loyola, 2005;

KRAUT, Richard. **Aristóteles. A ética a Nicômaco**. Porto Alegre: Artmed, 2009;

LOPES, Lopes, Maria dos Santos Silva. **A solidariedade como práxis hermenêutica em Gadamer**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ética e Epistemologia da Universidade Federal do Piauí. Orientação: Prof. Dr. Almir Ferreira da Silva Junior. Teresina, 2015.

PERINE, Marcelo. **Quatro lições sobre a ética de Aristóteles**. São Paulo: Loyola, 2006;

REEVE. **Ação, contemplação e felicidade. Um ensaio sobre Aristóteles**. Edições Loyola, 2014;